

Cinema no Algarve

na primeira metade do século XX

Pretende-se com este trabalho ordenar, a partir dos poucos documentos e bibliografia existentes, alguns dados históricos e biográficos que poderão contribuir para uma reconstituição mais exaustiva da História do cinema algarvio.

Conforme refere José de Matos-Cruz¹, o Algarve torna-se uma referência no cinema nacional a partir dos anos 60, através da divulgação turística visual, enquanto cenário natural de diversas ficções de longa-metragem. No entanto, a região sul desde cedo atraiu documentaristas e outros realizadores e contribuiu com nomes relevantes para o cinema português.

Roberto Nobre

Roberto Nobre (1903-69), será, certamente, um desses nomes. Natural de São Brás de Alportel publicou várias obras relativas à crítica e à análise cinematográfica. Assinou, também, a curta metragem “Charlotin e Clarinha”, uma comédia rodada em Olhão em 1925.

No final da primeira guerra mundial o cinema português rejuvenesce e revitaliza-se. Esse entusiasmo contagia Roberto Nobre, então aluno do Liceu de Faro, que escreve à casa Pathé, em Paris, no sentido de adquirir uma máquina de filmar. Embora não tivesse meios para adquirir tal equipamento, passou, rapidamente, ao passo seguinte: fundar uma produtora, ou, pelo menos, dar-lhe um nome. Assim nasce em teoria a “Gharb-Film”, o nome vem do arábico *Al Gharb*, que significa “o paraíso” ou ainda Algarve, segundo o próprio:

“Antes, é claro, deste nosso Reino do Algarve ter sido invadido pelos bárbaros vindos do norte, descendentes dos visigodos, que depois nos subjugaram e ainda hoje nos dominam. Somos um País anexado” ².

Conheceu então um jovem pintor futurista que tinha visitado a “Lusitanea Filmes” e voltou para Faro com as mesmas intenções de Roberto Nobre:

“fazia-nos sonhar sonhar com um cinema fantástico e empolgante que agora havia – era preciso seguir o género da “Marca do Fogo”, película então revolucionária de Cecil B. De Mill, filme que nos descrevia com todo o pormenor e que, é claro, ele nunca vira” ²

Faro, cidade tradicionalmente pacata, vivia então uma época agitada, devido à permissão da altura de

jogos de azar. Os “Clubes de Batota” floresciam na capital do algarve.

“É claro que, com a batota tinha chegado um cardume imenso de espanholas. Os farenses tinham voltado ao tempo dos mouros, com harens e odaliscas”²

Neste contexto Roberto Nobre e Carlos Porfírio não tiveram grande dificuldade em encontrar doze “empresários capitalistas” que arriscassem cem escudos cada um, em prol do cinema algarvio. Roberto Nobre não tinha cem escudos mas tinha o título “Gharb-Film” e ficou secretário da produtora.

“Entre a dúzia dos audaciosos financiadores da empresa figuravam como directores o escritor José Dias Sancho, o médico e polígrafo Dr. Fernandes Lopes e José de Sousa Uva, o único que entendia alguma coisa de negócios mas, que, felizmente, não

*era bom negociante, senão não entraria
nesta empresa”²*

Carlos Porfírio manda vir um técnico da capital que, segundo ele, domina totalmente os diferentes campos e especialidades do cinema, este técnico polivalente é o pintor António soares.

“ Facilmente se verificou que ele, como os directores, de cinema só sabia o que se vê na plateia”.²

A chegada de António Soares provocou desentendimentos no seio da “Gharb-Film”, que culminaram com a fusão desta em duas empresas distintas: o Dr. Fernandes Lopes ficou com o pintor e com o título “Gharb-Film”, esta empresa mudou-se para Olhão, onde teve um vida curta; e Dias Sancho, na altura com 21 anos, ficou a dirigir a Sancho, Lda, sediada em Faro, que recebe o técnico

Albert Durot, esse sim com larga experiência, vindo da “Invicta Film”.

“O que era – era louco. Estivera na Guerra (a de 1914/18), nos serviços cinematográficos do exército francês e orgulhava-se de ter filmado de avião, sob a metralha, os piores momentos do ataque ao estrito dos Dardanelos. Fora, porem dispensado do efectivo por loucura”.²

O primeiro trabalho da Sancho Lda, foi um documentário sobre o Algarve, intitulado “No País das Mouras Encantadas”. Segundo Roberto Nobre, este foi o primeiro documentário sobre o Algarve.

“É claro que eu de cinema, como os outros, não sabia nada. Mas ele chamava-me, generosamente, seu «assistente» - isto só porque eu ...assistia”.²

Em seguida aventuraram-se na ficção. “Au côté du Bonheur” contava com argumento de Dias Sancho e planificação de Durot. A narrativa girava à volta de um triângulo amoroso: a bela rapariga de bem amava um rapaz que não lhe dava atenção, jogava, bebia e estava enamorado por uma bailarina fatal. O rapaz cai em desgraça mas é sempre compreendido e aparado pela bela rapariga de bem.

“ Carlos Porfírio no papel deste insensato (...) As duas mulheres, tanto a angelical como a Messalina tentadora, eram, claro, duas espanholas cantoras e bailarinas das imensas que pertenciam aos clubes de batota de Faro ”. ²

A meio da produção de “Au côté du Bonheur” a equipa da Sancho Lda verificou que o orçamento tinha acabado e confrontaram os seus sócios com a delicada situação.

“ Tinham de escolher: ou dar outros cem escudos, ou perder os já dados. Parecia lógico que se deveria terminar a película, que estava incrivelmente barata e, assim, salvar o dinheiro todo. Pois não. Votaram que tudo terminasse”.²

A verdade é que a interrupção das filmagens não se deveu, unicamente, à falta de dinheiro. A verdadeira razão foi a reacção das mulheres de Faro contra o que entendiam ser uma falta de respeito pela ordem do lar: filmes com espanholas.

Acaba assim a aventura da primeira produtora do Algarve, motor de arranque do cinema algarvio, que contou, na primeira metade do século XX, com três nomes incontornáveis: Armando Miranda, Carlos Porfírio e Gentil Marques, que, no cinema, se dedicou ao documentarismo (a sua obra “Arte sacra missionária” de 1952 foi, em Maio de este ano, apresentada no Festival de Cannes).

Armando de Miranda

Armando de Miranda (1904-75), natural de Portimão, foi jornalista cinematográfico, director da revista espectáculo e realizador de trinta e uma obras entre documentários, curtas-metragens e longas-metragens.

Da sua vasta obra, falarei apenas de filmes directamente ligados ao Algarve. Em 1940 realiza, no Alentejo, “Pão Nosso...”, filme sobre a obra dos algarvios Gentil Marques e Leão Penedo (argumentista de “Sonhar é Fácil” e “Saltimbancos”). Em 1943 realiza “Aves de Arribação”, os exteriores são filmados na Praia da Rocha (Portimão) e Lagos, a Barlavento e, em Olhão e Faro, a Sotavento. Os interiores são filmadas na novíssima produtora algarvia “Cinelândia”. No texto que Roberto Nobre escreveu para a inauguração do antigo Cineclub Olhanense (1956) pode ler-se:

“Um dos realizadores portugueses que mais filmes tem feito. (...) Chamarei, por exemplo, a atenção para os belos efeitos de paisagem marítima obtidos por Armando de Miranda, com as rochas em “Aves de Arribação”²

A narrativa deste filme gira à volta de um caso de espionagem.

“Aqui, Portugal”, de 1947, centra-se no folclore Português. O filme percorre as várias províncias portuguesas e culmina no Algarve, com corridinho. Armando de Miranda realizou, também, alguns documentários sobre o Algarve, como é exemplo “Algarve Encantado”, de 1938, e “Algarve , Terra de Sonho”, de 1948.

Carlos Porfírio

Carlos Porfírio (1895-70), natural de Faro, artista plástico impulsionador do movimento Portugal Futurista. Depois das aventuras da “Gharb-Film”, em 1925, só em 1944 volta às lides cinematográficas com o início, a 15 de Agosto, das filmagens de “Sonho de Amor”, produzido na “Cinelândia, Lda” e amplamente divulgado:

*“Anunciava-se uma super-produção cinematográfica, com o financiamento do industrial Agostinho Fernandes e Carlos Porfírio como realizador. Este sobejamente conhecido na capital, nos meios intelectuais e artísticos desde o Movimento Futurista (1915/17); conceituado Pintor com longa experiência em Paris e admirado no meio teatral e cinematográfico. Por essas razões o filme despertou o mais vivo interesse.”*³

“Sonho de Amor” retracts o luxo aristocrático Lisboa de 1900, através de um drama romântico. O filme foi pensado para quatro horas mas, por motivos comerciais foi encurtado para duas horas de duração. Como consequência a crítica, da altura, refere-se a uma desarticulação entre sequências.

“Um Grito na Noite” (1948) é a segunda longa-metragem de Carlos Porfírio. A acção passa-se na chapada da Serra de Alcoutim, perto de Espanha, e enaltece a vida e as vivências dos Algarvios que se dedicavam ao contrabando. O filme resulta num importante documento histórico que pode (apesar de não se encontrar nas melhores condições) ajudar a reconstituir uma época da região algarvia.

“(...) anoto o efeito de estética cinematográfica do perigoso, mas plasticamente belo, hábito popular algarvio da «guerra das carretilhas», na noite de S. João. Ele (C. Porfírio) soube ver que essa luta de jactos de fogo daria bem em cinema.”²

À semelhança de “Sonho de Amor”, “Um Grito na Noite” foi protagonizado pela actriz olhanense Maria Eduarda Gonzalo.

Maria Eduarda Gonzalo

Maria Eduarda Gonzalo é o nome artístico de Maria Luciana Martins (1913-55), natural de Olhão, faleceu, em Lisboa, com apenas 41 anos. Os seus pais de origens modestas sempre lhe proporcionaram uma educação requintada: aprende a tocar piano, a bordar, a montar a cavalo e revela aptidões para o canto, sobretudo o fado.

“A sua beleza é notória. Corpo escultural e rosto perfeitíssimo. Pele branca, cabelos escuros, olhos negros com cortinas de pestanas «quilométricas». A boca, bem desenhada, ao sorrir, deixa antever a fieira de pérolas dos seus dentes. Nasceu naturalmente bela e conservou essa beleza acrescida da simpatia natural e daquela pequena dose de vaidade que sabiamente faz

ressaltar a própria beleza. Tem absoluta consciência do seu encanto natural.” ³

A contradição abismal entre as suas origens sociais e a sua educação e beleza acaba por ser motivo de inveja popular.

“É assim que nos momentos de festas populares começam a correr quadras anónimas a amesquinhar cruelmente a sua família:

O pai Aguadeiro
A mãe é como é
Manda a filha para a escola
com um lenço "Cachiné"

O pai é Aguadeiro
Tem um filho que é cigano
A mãe vende na praça
Mas a filha toca piano “⁴

Inicia a sua carreira como actriz, em 1944, com 31 anos, nos estúdios da Cinelândia, pela mão de Carlos Porfírio. O seu nome começa a aparecer em notícias do “Século Ilustrado” e do “Cinéfilo”, os

comentários são unânimes quanto à sua fotogenia e talento em “Sonho de Amor”. No seu primeiro filme protagoniza o papel de Aristocrata. No segundo filme, “Um Grito na Noite”, é novamente protagonista mas, agora interpreta uma simples e submissa montanheira algarvia. É a história invertida da sua vida.

“A antestreia, no Cinema Condes, em 27 de fevereiro de 1948, tornou-se gloriosa noite para o realizador, protagonista e actores do filme. São calorosa e demoradamente aplaudidos, o mesmo aconteceu na noite seguinte, da estreia pública. Toda a imprensa nacional e regional, nomeadamente algarvia, se referia ao filme e à interpretação de Maria Eduarda Gonzalo.”³

Leitão de Barros convidou-a, então, para o papel de Eugénia Infante da Câmara no filme “Vendaval Maravilhoso”. Maria Eduarda Gonzalo recusou este

papel e o realizador ofereceu-o, mais tarde, a Amália Rodrigues que, assim, iniciou a sua carreira no Cinema.

Cineclubes

Na segunda metade dos anos 50 surgiram os cineclubes algarvios, consolidando-se, assim, uma actividade cinéfila na região . Em 1955, o primeiro, o Cineclubes de Vila Real de Santo António, que fazia as suas sessões nas instalações desportivas do Gloria Futebol Clube. Este cineclubes, mais que os outros cineclubes algarvios, era, de alguma forma, influenciado pelo Partido Comunista Português, que via na prática cineclubista uma forma de passar a sua “mensagem”. Em Novembro de 1956, surge o Cineclubes Olhanense, que, um pouco à semelhança dos outros cineclubes da altura, centrava as suas atenções nos filmes neo-realistas italianos. No caso particular do Cineclubes Olhanense por influência

de Roberto Nobre que se esforçava por alastrar essa estética, livre de actores profissionais, ao cinema português:

“Não é apenas por ser moda a escola italiana do neo-realismo que o lembra. Quem isto vos está narrando já o escrevia à vinte anos. Essa humanidade colhida com observação, sinceridade e pureza já então estava em “La femme du bout du Monde” e no “Finis Terrae” do francês Jean Epstein, desempenhados pelos próprios pescadores de Oussant, ou no “Man of Aran” do irlandês Flaherty – e só foi, esporadicamente a florada (é justiça lembrá-lo) na “Maria do Mar”, de Leitão de Barros, e na “Canção da Terra”, de Brum do Canto, e ainda na garotada da rua do “Aniki-Bóbó”, de Manuel de Oliveira.”²

Conclusão

Muitas figuras algarvias ligadas ao cinema ficaram por referir neste trabalho, como é o caso dos actores, de renome nacional, António Pinheiro (tavirense) e Nascimento Fernandes (fareense), ou ainda, o escritor lacobrigense Júlio Dantas, cuja obra foi transposta para cinema por George Pallu (Frei Bonifácio) e Leitão de Barros (A Severa), ou ainda o crítico e analista olhanense Vitoriano Rosa. Porem, foi nossa intenção, inicial, concentrar-nos primeiro no Algarve e só depois nos Algarvios.

NOTAS:

1- MATOS-CRUZ, José – O Algarve e o Cinema. In MARQUES, Maria, Org. – O Algarve, da Antiguidade aos nossos dias. Lisboa, Edições Colibri, 1999.

2- NOBRE, Roberto – O Algarve e o Cinema, texto escrito para a inauguração do Cineclub Olhanense (na altura lido por Augusto Calé, membro fundador deste Cineclub, devido à ausência, por motivos de força maior de Roberto Nobre).

3 – CORREIA, Emmanuel – Carlos Porfírio Cineasta. Lisboa, Edições Colibri, 2001.

4 – BRITO, António – Maria Eduarda Gonzalo. http://www.olhao.web.pt/Personalidades/maria_eduarda_gonzaga.htm

Bibliografia

CORREIA, Emanuel – Carlos Porfírio Cineasta.
Lisboa, Edições Colibri, 2001.

MATOS-CRUZ, José – O Algarve e o Cinema. In
MARQUES, Maria, Org. – O Algarve, da
Antiguidade aos Nossos Dias. Lisboa, Edições
Colibri, 1999.

NOBRE, Roberto – O Algarve e o Cinema, texto escrito para a
inauguração do Cineclube Olhanense

___ - Horizontes de Cinema. Lisboa, Guimarães e
C.^a, 1939.

PINA, Luís – História do Cinema Português.
Lisboa, Publicações Europa América, 1987.

Referências electrónicas

<http://www.amoredeperdicao.pt>

<http://www.cinemaportgues.net>

<http://www.institutocamoes.pt>

<http://www.olhao.web.pt>

<http://www.truca.pt>

Agradecimento especial a **Augusto Calé**, membro fundador do antigo Cineclube Olhanense, pelo depoimento prestado e pela amabilidade, e a **Ricardo Tomás** pela generosa cedência de documentos de pesquisa essenciais para a realização deste trabalho.

Bruno Silva